
ÁLCOOL E VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES CONJUGAIS: UM ESTUDO QUALITATIVO COM CASAIS

Marianne Ramos Feijó¹

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Ana Regina Noto

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Eroy Aparecida da Silva

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Danilo Polverini Locatelli

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Mário Lázaro Camargo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Carla Ferreira de Paula Gebara

Universidade Católica de Petrópolis, Brasil

RESUMO. Este estudo qualitativo descritivo objetivou compreender a relação entre o consumo de álcool e a expressão da violência no relacionamento de casais compostos por pelo menos um cônjuge dependente do álcool. Foram realizadas entrevistas com uso de roteiro semiestruturado com dez casais, posteriormente transcritas e submetidas à análise de conteúdo. Todos os casais relataram violência conjugal, atrelada ao uso de álcool. A violência, principalmente verbal e física, foi protagonizada por ambos os cônjuges e agravada com o tempo e com o aumento da quantidade de ingestão de álcool. Foram relatadas outras dificuldades relacionais e de trabalho, associadas ao uso contínuo do álcool, além de histórico de uso de substâncias e de violência nas famílias de origem dos participantes. Este estudo evidenciou a complexidade e a dinâmica da violência conjugal, associada à dependência de álcool, que deve ser considerada em programas de prevenção, redução de danos ou outras intervenções e encaminhamentos do casal enquanto um sistema que demanda atenção integral.

Palavras-chave: Violência; abuso de álcool; casamento.

ALCOHOL AND VIOLENCE IN MARITAL RELATIONS: A QUALITATIVE STUDY WITH COUPLES

ABSTRACT. This qualitative and descriptive study aimed to understand the relation between the alcohol consumption and the violence expansion, in the relationship of couples made up by, at least, one partner with alcohol dependence. Semi-structured interviews with 10 couples were done, which were transcribed and submitted to the content analysis. All the couples reported marital violence related to alcohol use. Violence, mainly verbal and physical ones, was committed by both partners and it became worse due to increase of amount of alcohol ingestion. Other relational and professional difficulties, associated to continuous use of alcohol, were reported, in addition to the history of substance use and violence in the origin families of the participants. This study makes evident the complexity of the marital violence associated to the alcohol dependence, which must be considered for the prevention programs, interventions and the couple guiding – as a system that requires full attention.

Keywords: Violence; alcohol abuse; marriage.

ALCOHOL Y VIOLENCIA EN LAS RELACIONES DE PAREJA: UN ESTUDIO CUALITATIVO DE LAS PAREJAS

¹ E-mail: mariannefeijo@fc.unesp.br

RESUMEN. Este estudio cualitativo descriptivo tuvo como objetivo comprender la relación entre el consumo de alcohol y la expresión de la violencia en la relación de parejas compuestas por, al menos uno de los cónyuges, dependiente de alcohol. Se realizaron entrevistas semiestructuradas con diez parejas, posteriormente transcritas y sometidas a análisis de contenido. Todas las parejas relataron violencia conyugal relacionada al uso de alcohol. La violencia, principalmente verbal y física, fue protagonizada por ambos cónyuges y agravada con el tiempo y con el aumento de la cantidad de ingestión de alcohol. Fueron relatadas otras dificultades relacionales y de trabajo, asociadas al uso continuo de alcohol, además de antecedentes de uso de sustancias y de violencia en las familias de origen de los participantes. Este estudio, evidenció la complejidad y la dinámica de la violencia conyugal asociada a la dependencia de alcohol, que deben ser consideradas en programas de prevención, reducción de daños u otras intervenciones y derivaciones de las parejas como un sistema que demanda atención integral.

Palabras-clave: Violencia; abuso de alcohol; pareja.

Introdução

O uso do álcool e de outras drogas vem sendo foco de muitos estudos. Acidentes, agressões e mortes podem se apresentar associados ao uso excessivo do álcool e seu potencial de danos físicos, psicológicos e relacionais (Monteiro, 2012; SENAD, 2014).

A dependência do álcool é uma possível consequência do uso contínuo de bebidas alcoólicas, ocorrendo numa prevalência de cerca de 12% na população adulta, em proporção homens/mulheres de cerca de 3:1 (CEBRID, 2007). A dependência pode afetar a família e é por esta influenciada de forma recursiva. Isso significa que, do ponto de vista sistêmico, não se deve buscar uma única causa para fenômenos complexos como a violência e a dependência do álcool, mas, sim, compreender e cuidar de relações, contextos e processos que mantêm, aumentam ou dificultam a redução do uso da violência e do álcool (Cunha & cols., 2011).

Nesse sentido, destaca-se que, além de um problema de saúde pública, a dependência do álcool se associa, frequentemente, à violência, potencializando as vulnerabilidades familiares (Babu & Kar, 2009).

Leonard (2005) salienta a inadequação de se estabelecer uma relação unicausal entre o beber e a violência entre parceiros. Porém destaca que ocorre aumento da severidade da violência protagonizada por parceiros que ingeriram álcool em grande quantidade.

A violência, frequentemente associada ao uso de álcool e de outras substâncias, é um fenômeno que, além de potencializar as vulnerabilidades, conforme abordado, traz também riscos a todos que pertencem ao núcleo familiar (Melo, Caldas, Carvalho, & Lima, 2005). O INPAD (2013) realizou um estudo brasileiro com 3.007 pessoas com 14 anos ou mais, no qual mais de dois, a cada dez participantes, relataram ter sido vítimas de violência física na infância. Destas, dois em cada dez relataram que o abusador havia bebido.

A violência familiar pode ser definida como todo ato ou omissão, que prejudique o bem-estar físico, a integridade psicológica, a liberdade ou o direito ao pleno desenvolvimento de um familiar, cometida por um membro que ocupa posição de poder nessa família. A violência conjugal também se dá por meio de atos que envolvem agressões físicas, verbais, psicológicas e sexuais, separadamente ou associadas, e pode ser denominada de violência entre parceiros íntimos (VPI), já que também ocorre entre cônjuges, namorados, ex-cônjuges e entre parceiros sem união formalizada (Gebara, Feijó, Noto, & Amato, 2015).

Estudos sobre a transmissão intergeracional mostram que a violência interpessoal e o abuso de álcool tendem a ocorrer repetidamente associados por gerações, apresentando-se como questões de grande complexidade e relevância na família (Tondowski & cols., 2014). Uma pessoa que cresce presenciando atos de violência pode participar da perpetuação de padrões de relação violentos no futuro, seja como agressor, como vítima ou ambos (Cerveny, 2011). Pessoas que sofreram violência tendem a abusar mais do álcool (WHO, 2013).

Há outros fatores, além da transmissão intergeracional, que estão ligados ao uso abusivo do álcool e da VPI. Tensões geradas por acontecimentos externos, além de certas demandas internas à família, que se apresentam ao longo do ciclo vital desta, requerem enfrentamento e um repertório não violento de comportamentos e de relações (Payá, 2014; Cerveny, 2012; Minuchin, Colapinto, & Minuchin,

2012). A escassez de contatos com a rede social, comum em situações de violência doméstica e de dependência química, agrava e torna mais vulneráveis os envolvidos (Gebara & cols., 2015; Alencar-Rodrigues, Cantera, & Moré, 2014; Paiva, Costa, & Ronzani, 2012).

As questões sociais que geralmente estão implicadas em situações de VPI não se encerram na falta de trocas com pessoas significativas e de apoio afetivo e profissional. As desigualdades pautadas em diferenças como as de gênero frequentemente estão na base de atos violentos entre parceiros e são construções sociais das quais as famílias fazem parte (Gebara & cols., 2015). A relação desigual de poder e, portanto, o desequilíbrio de oportunidades entre homens e mulheres, geralmente se inicia na família (Cervený, 2011). Aqui se apresenta, então, mais um aspecto que torna tanto a violência quanto a transmissão da mesma fenômenos complexos e atrelados, que podem também se associar e se agravar com o uso abusivo de álcool e fazer parte do processo de progressão da dependência.

Há, ainda, que se ressaltar a importância de um olhar sistêmico em relação à família na qual haja uma pessoa dependente de substâncias. Frequentemente, as famílias vivenciam contexto de vulnerabilidade e risco, que pode estar relacionado à repetição de padrões de violência, de uso de álcool, de pobreza material, de desigualdade e estigma, permeado por outros aspectos tais como gênero, classe, aparência física, etnia, orientação sexual (Gebara & cols., 2015). Por isso é importante que famílias e indivíduos recebam apoio e legitimação das pessoas significativas que as cercam, portanto, da rede social pessoal (Gebara & cols., 2015; Cervený, 2012), e que criem formas de se comunicar, de solucionar conflitos e de se relacionar, sem que recorram ao uso do álcool ou da violência.

Dentro dessa perspectiva mais ampla, a necessidade de que os profissionais de saúde, especializados em dependência, estejam atentos e preparados para eventualmente atuar também no tratamento e/ou prevenção da violência familiar, vem sendo apontada por autores como Penso, Sudbrack, Ferreira & Jacobina (2012) e Paiva e cols. (2012). Nesse sentido, torna-se fundamental ampliar o conhecimento a respeito da relação recursiva entre uso de álcool e VPI, bem como das possíveis intervenções que minimizem danos e possam servir de incentivo à busca por tratamento. Embora exista um consistente volume de trabalhos epidemiológicos sobre violência familiar e uso do álcool, existem poucas publicações e pesquisas qualitativas sobre como se dão o uso do álcool e a relação conjugal, sendo ainda mais raras pesquisas que abordam o tema simultaneamente com o casal em interação.

Um dos prováveis motivos da carência de estudos com casais decorre exatamente da complexidade de entrevistar os dois cônjuges ao mesmo tempo, tendo como foco dois temas tão delicados (Alencar-Rodrigues & cols., 2014). Para tanto, são necessárias pesquisas que valorizem as diferentes perspectivas dos cônjuges bem como a recursividade dos comportamentos e dos contextos que permeiam a violência associada ao consumo de álcool.

Método

Pretendeu-se estudar o relacionamento conjugal em que pelo menos um dos cônjuges tenha sido diagnosticado como dependente de álcool, compreender a ocorrência de comportamentos violentos e sua possível associação com o uso de álcool. Foi realizada pesquisa qualitativa descritiva, considerando-se a mesma adequada ao estudo das relações humanas em sua complexidade.

Participantes

Os participantes foram convidados para a pesquisa por meio de divulgações na mídia e em serviços sociais e de saúde. Foram três os serviços nos quais se recrutaram e realizaram-se as entrevistas com os casais, sendo um na capital e dois no interior do Estado de São Paulo.

Foram inclusos no estudo casais com união estável, na faixa de 20 a 65 anos, com pelo menos um cônjuge em tratamento para a dependência de álcool, sem que houvesse diagnóstico de prejuízo das funções mentais ou comorbidades, em um ou nos dois cônjuges. O diagnóstico de dependência, a avaliação das funções mentais e cognitivas dos cônjuges foram conduzidos por psiquiatras das

instituições participantes. Foram utilizados relatos de dez entrevistas com casais, portanto, de 20 cônjuges. O número de participantes foi definido em função do processo de saturação teórica, ou seja, do ponto em que as entrevistas passaram a repetir conteúdos, sem agregar novos significados relacionados ao problema estudado. Na medida em que foi priorizada a compreensão da relação e dos contextos atrelados ao uso do álcool e à violência entre parceiros íntimos, não foram planejadas comparação entre os casais, tampouco generalizações acerca dos temas estudados. Segundo a visão sistêmica novoparadigmática, também denominada de complexa e de integrativa, é a compreensão de processos, contextos e relações, de forma individualizada (neste caso, sobre cada casal), que permite ampliar a visão sobre fenômenos (violência e dependência), sobre o que os mantêm e sobre o que pode ajudar diferentes casais a enfrentá-los (Minayo & Tôrres, 2013).

Tabela 1

Dados principais dos participantes da pesquisa

Casais	Idade Ele e Ela	CDA*	Violência	Renda Casal (R\$)	Escolaridade
1	60 e 61	Ele	Verbal e Física	15 mil	Superior – Ele; Superior incompleto – Ela
2	41 e 32	Ele	Verbal, Física e Psicológica	7 mil	Técnico – Ele; Superior – Ela
3	58 e 55	Ele	Verbal, Física e Psicológica	3,6 mil	Médio incompleto – Ele; Fundamental incompleto – Ela
4	57 e 55	Ele	Verbal, Física, Psicológica e Sexual	2,8 mil	Fundamental – Ele; Médio – Ela
5	46 e 48	Ele	Verbal, Psicológica	21 mil	Superior – ambos
6	30 e 43	Ambos	Verbal, Física e Psicológica	0	Fundamental incompleto – Ambos
7	52 e 49	Ele	Verbal, Física e Psicológica	4 mil	Fundamental incompleto – Ele; Médio – Ela
8	24 e 30	Ele	Verbal, Física e Psicológica	2 mil	Médio – Ele; Fundamental incompleto – Ela
9	38 e 35	Ele	Verbal e Física	1 mil	Fundamental – ambos
10	47 e 49	Ele e ex marido dela	Verbal, Física e Psicológica	5 mil	Fundamental incompleto – Ele; Superior – Ela

*CDA – Cônjuge com diagnóstico de dependência de álcool.

Procedimentos de coleta dos dados

Foram conduzidas entrevistas com o uso de roteiro semiestruturado, gravadas em áudio, em salas de atendimento com isolamento acústico, nos serviços em que foram recrutados.

As primeiras seis entrevistas realizadas com os casais foram conduzidas por um par de pesquisadores, sendo um do sexo feminino e outro do sexo masculino, para perceber como seria a reação do casal diante das perguntas e se cônjuges de determinado sexo biológico poderiam mostrar-se menos participativos, o que não ocorreu. As quatro últimas entrevistas foram conduzidas pela pesquisadora principal, especialista em terapia familiar e experiente no atendimento a casais. De forma geral, os cônjuges apresentaram os temas, uso de álcool e de violência, com abertura, o que levou os pesquisadores a avaliarem que as perguntas não incitaram julgamento ou culpa, mas se mostraram

facilitadoras de diálogo. As mesmas eram de cunho circular e reflexivo (Grandesso, 2012) sobre violência, uso de álcool e suas consequências para o casal, portanto, apresentaram potencial de ampliação da visão sobre as relações e sobre os contextos que permeiam tais comportamentos.

Acredita-se que, se fossem realizadas predominantemente perguntas lineares, com a lógica da causa e do efeito, as entrevistas apontariam tentativas de culpabilização e poderiam gerar mais do mesmo ou produzir pouca diferença, ou seja, o casal poderia reviver a violência durante a entrevista, sem pensar em dificuldades, tensões, contextos, relações que os enfraquecem e que, portanto, ajudam a manter histórias de violência e de uso de álcool como tentativa de enfrentamento.

Apesar do cuidado na abordagem dos temas, foi considerado o risco de os entrevistados se emocionarem no momento em que descrevessem suas relações conjugais. Os pesquisadores ficaram atentos à expressão de tais emoções para apoiar os entrevistados, mudar o rumo da entrevista ou interromper a mesma, o que não foi necessário. Encaminhamentos a tratamento e a outros serviços de saúde foram realizados.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade, conforme parecer consubstanciado sob o número 81.359, de 31/08/2012, e seguiu todas as suas recomendações.

Análise de dados

Foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2009) e as categorias de análise dos temas estudados foram definidas a partir dos assuntos abordados nas entrevistas e dos discursos dos entrevistados. Portanto, algumas categorias foram criadas *a priori* e outras *a posteriori*, conforme perguntas e respostas das entrevistas.

Foi feita uma primeira leitura flutuante, a fim de obter familiaridade com as entrevistas. Posteriormente, todos os relatos foram lidos diversas vezes e seu conteúdo foi desmembrado em grandes temas (nós), observados em todas as entrevistas. O conteúdo das entrevistas foi organizado com a ajuda do software NVivo 10. Temas repetidos e centrais foram colocados em evidência e discutidos com base na literatura e nos dados obtidos na pesquisa como um todo. Na discussão de dados e nas considerações finais foi retomado o pensamento sistêmico, aplicado aos estudos sobre as relações familiares e sobre a relação entre o uso do álcool e a violência, bem como estudos sobre o casamento, as discórdias conjugais no aumento do uso de álcool, já que, segundo muitos autores, tanto os membros do casal, neste caso o(s) cônjuge(s), quanto os demais membros da família são parte do problema, afetam e são por ele afetados (Gebara & cols., 2015).

Resultados e discussão

Um panorama geral dos entrevistados

Os dez casais entrevistados, listados na Tabela 1, apresentavam diferentes condições de renda e de escolaridade e também certa heterogeneidade na faixa etária. Todos passaram por experiências de violência conjugal, associada ao uso de álcool, e por aumento da violência associada ao aumento do uso de álcool. Os cônjuges que se encontram em tratamento estão em diferentes fases deste, alguns, inclusive, em etapa de manutenção.

Os 20 cônjuges entrevistados iniciaram a relação conjugal em que houve violência, cientes de que pelo menos um cônjuge fazia uso regular do álcool. As dificuldades relacionais também foram reconhecidas, por eles, como presentes no início do casamento, com exceção do casal 6, que se entende muito bem quando os cônjuges não estão embriagados. Vale ressaltar que somente neste casal a cônjuge também depende do álcool.

Sobre os principais temas abordados nas entrevistas e as categorias de dados construídas

De acordo com o método anteriormente descrito, alguns dos principais temas inclusos nas perguntas realizadas, portanto definidos *a priori*, foram classificados como nós pelo software Nvivo. Assim, Diferenças e Dificuldades Conjugais, Motivos dos Conflitos Conjugais, Consequências do Uso do Álcool, Violência, Uso de Violência na Família de Origem e Uso de Álcool na Família de Origem foram os principais temas abordados nas entrevistas e enfocados neste trabalho (Categorias definidas *a priori*).

Outros temas, não previstos, se repetiram nas respostas dos participantes e, portanto, também foram classificados como nós no NVivo e abordados neste artigo: codependência e comportamentos complementares e separação (Categorias definidas *a posteriori*).

Foram identificadas, porém, dificuldades pessoais e familiares, anteriores ao casamento, que podem ter contribuído para o uso precoce e abusivo do álcool bem como para o padrão de consumo deste. Necessidade de desenvolvimento de habilidades sociais, tais como assertividade e segurança na tomada de decisões, perdas e distanciamentos importantes e outros sofrimentos vividos na família de origem foram relatados por alguns participantes. O uso do álcool iniciou-se antes do casamento, segundo os participantes, conforme já abordado.

O trabalho foi apontado como fonte de realização e de boa imagem social de alguns dos entrevistados que utilizam álcool. Más condições de trabalho e de remuneração, segundo parte dos entrevistados, contribuíram para o aumento do uso do álcool e foram motivos de conflitos conjugais. Não se pode desvincular, porém, a influência do uso de álcool das dificuldades de trabalho. Alguns relatos mostraram que o uso do álcool prejudicou o desenvolvimento de algumas atividades e o relacionamento com gestores e clientes, inclusive com perda de confiança destes em relação ao profissional (participante da pesquisa que depende de álcool). A segunda etapa de pesquisa foi proposta com o objetivo de aprofundar os dados sobre as relações e condições de trabalho e sua relação com uso de álcool e de violência.

Os principais motivos de brigas, apontados pelos participantes, foram uso do álcool (principal motivo), conflitos com pessoas da família, problemas financeiros e de trabalho, gastos com bebida, tempo no bar e fora de casa, esquecimento, perda material e desemprego, querer estar sempre com a razão (após beber), não escutar o outro (após beber), implicar com o outro (após beber), reduzir a tolerância (inicialmente de quem usa o álcool e com o tempo, do cônjuge), agressividade com pessoas e com o cônjuge (xingamentos), ciúmes. Os problemas financeiros e de trabalho e o desemprego foram relatados frequentemente como consequência do aumento do uso de álcool.

A seguir, trechos de respostas ilustram as principais categorias, organizadas em torno dos temas abordados nas entrevistas, e facilitam a discussão dos mesmos.

Consequências do uso do álcool

Além das discussões e do uso da violência, muitas são as consequências pessoais do uso do álcool relatadas pelos participantes: culpa, medo, esquecimentos quando alcoolizados, perda de memória com a progressão do uso, ressacas com dores no corpo e mal-estar intenso, dificuldades para levantar e para se manter em pé, dificuldades de concentração e de produção no trabalho, perdas materiais e financeiras e desemprego.

O marido do casal 10 relatou que, se não se mantivesse em tratamento e sem beber, “não tava mais nesse mundo ... se tivesse taria como andante (andando na rua)”; que não tinha nada quando se internou e que agora recuperou a dignidade; bebia e consumia tudo que ganhava. A esposa do casal 2 expressou a preocupação com perdas financeiras: “ele já teve um capital muito maior em mãos e perdeu por causa do álcool”.

O papel do álcool na violência conjugal

Foram relatados também, pelos participantes que dependem do álcool e por seus cônjuges, irritação, agressividade, aumento da extroversão e de ciúmes, diminuição da noção de limite nas relações sociais, tendência a provocar, a impor ideias durante o período de embriaguez. Retraimento,

isolamento, distância do cônjuge e de casa e conflitos com familiares também foram observados pelos entrevistados como consequências do uso do álcool, sendo a maior parte deles considerados por estes maléficos ao relacionamento.

O uso progressivo e contínuo do álcool, feito pelo marido, contribuiu para o desgaste emocional das esposas, que em nove relatos trataram de agressões por parte delas, perda de controle ou sensação de iminência da violência física, o que pode indicar mudança ou oscilação da relação de poder entre cônjuges quando o homem avança no processo de dependência do álcool. Sintomas depressivos, medo exagerado, oscilação de humor, acúmulo excessivo de objetos sem uso, pensamento recorrente, agressividade e impulsividade foram identificados nos relatos sobre o comportamento feminino. Apenas uma, das dez mulheres que relataram ou reforçaram a fala do marido sobre apresentarem um dos sintomas aqui relacionados, informou ter sido diagnosticada como distímica no início do casamento. Tais dados indicam a importância da realização de estudos transversais sobre o adoecimento mental de cônjuges de pessoas que desenvolvem a dependência do álcool, sem que desconsiderem a dificuldade daquele cuja dependência progride de lidar com as emoções e os comportamentos do cônjuge, que provavelmente vai adoecendo ou piorando paralelamente ao aumento e agravamento do uso que faz do álcool.

A esposa do casal 1 falou do uso do álcool feito pelo marido como “se fosse uma marca, assim na minha cabeça ... não apaga, não adianta ... como um fantasma, que vive atrás de mim ...”. Ressaltou ainda que não quer que ele termine a vida dele desse jeito e que não pode nem ouvir o barulho da lata da cerveja, quando é aberta: “parece que alguém tá arrancando, abrindo uma ferida dentro de mim”.

A esposa do casal 7 disse necessitar de apoio psicológico atualmente e expressou: “eu acho que tenho que ter mais tempo para mim”. Em outro momento da entrevista, falou que buscará ajuda “para angústia de 50 anos ... essas mágoas, para eu viver uma vida diferente, porque eu acho que eu fiz tudo, mas eu fiz tudo errado. Eu quis fazer muito por ele, que eu não devia de ter feito”.

Conforme abordado, experiências de brigas e de aumento de violência, associadas ao uso de álcool na relação conjugal atual, foram relatadas pelos entrevistados.

No que diz respeito à violência, os relatos mostram o aumento da frequência e da gravidade daquela, conforme o uso do álcool aumenta. Todos os cônjuges relataram protagonizar a violência, sendo que, no casal 8, o marido, que depende do álcool, relatou que, somente quando foi insistentemente provocado, agrediu a esposa verbalmente. Atos de violência foram relatados pelos demais cônjuges, sendo que, para o casal de número 6, só ocorrem briga e violência quando ambos estão alcoolizados, o que difere dos relatos dos demais, que mostram que, com o passar do tempo e com a progressão do uso do álcool, ambos os parceiros começaram a se utilizar da violência na comunicação. O casal de número 10 relatou experiências vividas antes de os cônjuges se separarem de seus ex-cônjuges, quando ele ainda fazia uso de álcool. A violência verbal (xingar, ofender) foi a mais relatada pelos dez casais, seguida da física (bater, empurrar, machucar) e da psicológica (negligenciar, deixar falando sozinho, desqualificar), que assim foi identificada no relato de quatro dos casais. Somente o casal de número 4 relatou um episódio de violência sexual (forçar o outro a se relacionar sexualmente e/ou como determina), protagonizado por ele, quando alcoolizado.

Estratégias usadas com intenção de reduzir o uso de álcool

Os cônjuges que fazem ou fizeram uso nocivo do álcool, com exceção daqueles que compõem os casais 6 e 10, queixaram-se muito das cobranças e das ameaças do cônjuge que não faz uso do álcool. Os cuidados e tentativas de mudar o comportamento de beber do parceiro foram descritos como excessivos e inócuos, além de gerarem efeitos ruins para a relação. Tal informação deve ser levada em conta por profissionais que orientam e que atendem a pessoas com problemas familiares, relacionados ao uso de álcool.

Em alguns relatos, aparentes e insistentes tentativas de salvar o marido da dependência, aumento da proteção do mesmo e principalmente dos filhos foram identificados. Em outros, houve aceitação de desqualificação e de culpabilização pelo uso do álcool, feita pelo marido à mulher, aumento de sintomas fóbicos e dificuldade de mudança de comportamentos das esposas que não fazem uso de álcool.

Como colocado anteriormente, na entrevista com o casal 7, a esposa concluiu: “Eu quis fazer muito por ele, que eu não devia de ter feito”. Ambos os cônjuges concordaram que ela faz muitas coisas pela casa, pelo marido e pelos filhos, além de seu trabalho externo. Para o marido, “faz com amor, só que fazendo fica nervosa” e suas cobranças o afetam.

Na entrevista com o casal 3, que briga quando ele faz uso do álcool, a esposa, que já agrediu o marido verbal e fisicamente, disse que busca o mesmo no bar: “vou chamar e ele não vem, sabe, eu vou uma, duas, três vezes e ‘já vou, já to indo’. Esse to indo, nunca chega, né, aí nessa hora, sai besteira, porque quando ele vem já tá passado”. Ela explica tudo que faz para ajudar e acrescenta: “eu faço o que posso, porque na hora que ele tá saindo, eu falo: ‘olha, não demora, pensa no que você fez; eu tento lembrar ... eu tento só abrir os olhos dele, para ele não fazer as besteira que ele faz, mas ele acha que eu falo demais e não obedece porque acha que eu tô mandando ...”.

Para o marido do casal 1, parar de usar o álcool, hoje, depende exclusivamente dele, que se queixou muito das cobranças da esposa: “... o grande segredo do cidadão parar de beber é deixar ele arder com sangue. Não adianta ficar falando para o cara ‘não bebe, não bebe’, brigar; aquilo irrita, incomoda, martela tua cabeça e você vai e faz de novo”.

A perda da autonomia é uma consequência, que, apesar de não ter sido assim expressa pelos participantes, ficou visível por meio de seus relatos. Relações maternas, de trabalho e conjugais podem se tornar codependentes ou assim se manterem, com o aumento do uso da bebida. O excesso de cuidado do outro, a expectativa de que beba e recaia, as constantes ameaças de separação, a punição e as tentativas de controle não se mostraram boas estratégias e nem sempre o casal reconhece que certos atos bem intencionados são tipos de violência psicológica.

Há, por outro lado, relatos de interrupção e de redução da violência no período posterior a um acontecimento considerado grave pelos entrevistados, geralmente um ato de violência física, que deixou um cônjuge machucado. Estratégias de controle da própria agressividade, mas principalmente de distanciamento do cônjuge nervoso e de suas palavras ofensivas, foram relatadas, o que mostra que o susto gerado por um ato violento pode resultar em reflexão sobre os próprios comportamentos e sobre os comportamentos do outro que aumentam a violência.

O encaminhamento realizado por profissionais e pessoas da rede social do casal, preparados para compreendê-los e para apoiá-los, sem julgamentos morais ou imposições, no momento de susto, questionamento ou constatação da necessidade de mudança por um ou pelos dois cônjuges, pode ser fundamental. Punição não costuma gerar fortalecimento, adesão ao tratamento, nem resultados duradouros no contexto de dependência de álcool associado à violência conjugal. Os relatos mostram que há mais comportamentos que envolvem violência psicológica do que o casal consegue reconhecer.

Violência conjugal e uso do álcool – a complexidade da manutenção de padrões relacionais

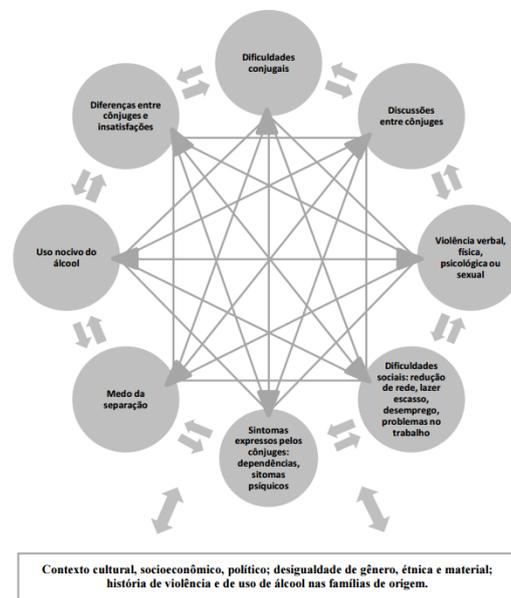
No estudo, alguns padrões relacionais se repetiram. A escolha do cônjuge que usava certa quantidade de álcool favoreceu a repetição de histórias da família (álcool e violência). O uso do álcool aumentou e, atrelado a outros problemas (individuais, conjugais e sociais), foi desgastando emocionalmente o cônjuge que não depende do álcool, que colocou em foco o outro (se esqueceu de si mesmo), passou a tentar “salvá-lo do álcool”, mas, quando já cansado, utilizou-se de violência contra ele; algumas esposas, nesse contexto, aproveitaram a fragilidade do marido e uma eventual mudança de hierarquia e de relação de poder, para revidar as agressões, sendo o beber frequentemente interpretado como uma agressão a elas. As brigas giravam em torno de diferentes motivos, mas muitas vezes estavam relacionadas com o consumo do álcool de forma direta ou indireta. Da violência verbal, passaram para a física e, em alguns casos, para a psicológica. Quase todos os cônjuges entrevistados, quando envolvidos com a problemática do uso do álcool, usaram de violência, geralmente após um deles usar álcool. A violência partiu, então, de homens e mulheres, desgastados com o uso de álcool elevado e frequente de um deles e, em nove casais, também pela relação conjugal já fragilizada.

A compreensão dos dados em conjunto permitiu, portanto, ampliar o olhar a respeito da complexidade da recursiva influência entre diversos aspectos que afetam e que são afetados pelos

cônjuges, por suas relações e contextos. Há, em geral, uma associação de fatores que favorecem a manutenção tanto do uso do álcool como do uso da violência, especialmente a violência verbal e psicológica, que se mantém por muitos anos e gerações. Outras dificuldades e sintomas psíquicos individuais, dificuldades nas relações conjugais, familiares e de trabalho se agravam e aumentam a dificuldade de mudar o padrão de uso do álcool e o padrão relacional violento. A Figura 1 foi criada, com base nas respostas dadas pelos entrevistados, para ilustrar a complexidade da relação conjugal, especialmente a que envolve uso de violência e dependência de álcool.

Apesar de os cônjuges falarem muito da possibilidade de solução ou de interrupção da violência e do sofrimento, por meio da separação conjugal, a decisão e a concretização desta nem sempre são fáceis. Muitos fatores estão também implicados na manutenção da relação, mesmo que o casal reconheça que esta se encontra adoecida.

Figura 1. Complexidade da relação entre conjugalidade, dependência do álcool e uso de violência.



Levantaram-se, como hipótese, alguns aspectos que dificultam a interrupção do padrão relacional violento, seja por meio da separação conjugal como pela mudança de comportamento de um ou dos dois cônjuges. Sabe-se que, se um mudar, o outro terá que mudar também, mas assim romperiam um ciclo de repetição de padrão antigo intergeracional, necessitariam rever a distribuição de poder, regulada pelo uso do álcool e demais fatores acima expostos. Tais hipóteses partem de teorias intergeracionais da terapia familiar, estudadas por Cerveny (2011), de que padrões relacionais, atrelados a dívidas de lealdade e a alianças familiares, são difíceis de mudar, de que comportamentos e formas de enfrentamento são aprendidos, narrativas sobre si mesmos, sobre suas histórias e sobre suas relações mantêm certos sentimentos, ações e pensamentos que em recursiva influência direcionam o futuro (de cada cônjuge e de suas relações), e de que ideologias dominantes internalizadas contribuem para a manutenção da desigualdade e as tentativas competitivas e agressivas de alcançar a equidade na relação conjugal distanciam o casal de um equilíbrio de poder (Grandesso, 2012). Nesse sentido, os estereótipos de gênero poderiam ser mantenedores de uma relação heterossexual desigual, que teria como ponto de partida nossa cultura ainda machista e patriarcal, que confere poder e valorização ao homem, mesmo que com a mulher permaneça a centralização das tarefas e das informações sobre a família, a casa e os filhos (Feijó & Macedo, 2012). Para oito dos casais aqui entrevistados, tal padrão patriarcal e matrifocal de família, comum na sociedade brasileira, pode ser temporariamente quebrado com a perda de poder do homem, que faz

uso contínuo e excessivo do álcool e se fragiliza financeiramente, nas relações familiares e de trabalho.

Reflete-se, portanto, se, dentre outras funções, o álcool pode inverter a hierarquia comumente vista nas famílias brasileiras. O homem que depende de álcool fica desvalorizado, sem voz ativa no casamento? Permite que a mulher centralize ainda mais tarefas e se conecte com os filhos com menor participação dele? Isso afasta o homem da família e o autoriza a permanecer bastante tempo fora de casa? Gera cobranças? Alimenta o mito de possibilidade de a mulher salvar o homem após o casamento? Ou de que o amor salva? Possibilita uma pseudounião conjugal, sem espaço para a individualidade? Favorece que a mulher mantenha seu foco de vida no adoecimento do marido? Isso a faz adoecer ou amplia seus sintomas, a mantém presa às expectativas sociais, relacionadas a gênero, de que seja a cuidadora e responsável pelo que não vai bem no lar? Fragiliza o homem de quem se espera socialmente que seja o provedor e o “chefe da família”? Reforça a função materna da mulher, mesmo na relação conjugal?

Certamente, parte de tais processos desgasta emocionalmente os envolvidos: cônjuges, filhos e demais familiares, cujas visões de si mesmos podem ficar abaladas, aumentando a chance de permanecerem presos em tal ciclo e se vincularem de forma violenta (protagonizada e/ou sofrida) também no futuro. Fecha-se um ciclo que, por amor, crença, repetição, complementariedade e outras dificuldades (materiais e sociais), mantém-se.

A mudança de comportamento da pessoa sob o efeito do álcool afeta o ambiente de convivência e relação de conjugalidade, o que pode participar da mudança de comportamento do cônjuge que não usa o álcool, que, por sua vez e recursivamente, retroalimenta no cônjuge usuário as condições favoráveis à continuidade do uso da substância.

As questões colocadas acima são indagações para as quais este estudo não emite respostas definitivas. Poderão nortear estudos e práticas que visem à melhoria nas relações, o que certamente implica em equidade, o que muitos casais não sabem como alcançar.

Considerações finais

Este trabalho, que partiu de uma visão sistêmica integrativa, portanto, do entendimento da violência como fenômeno associado a múltiplas causas, mantido por processos relacionais, inseridos em contextos, não objetivou abordar uma causa principal para a violência conjugal e para a dependência do álcool. Considerou, justamente, a circularidade recursiva entre diversos fenômenos, comportamentos e relações. Possibilitou compreender a mútua influência entre escolha do cônjuge, transmissão de padrões relacionais e de comportamento entre gerações, dificuldades sociais, conjugais e individuais e sintomas de adoecimento, dentre eles, uso nocivo de álcool e de violência. Apontou para o trabalho preventivo que pode ser realizado antes da formalização do casamento ou em seu início, para ampliação e manutenção da rede social e das atividades de lazer individuais e conjugais, bem como da identificação de possíveis comportamentos e sintomas que necessitam de abordagem profissional ou que devem ser evitados. Esse é o caso das ameaças constantes de separação que não são efetivadas, mas utilizadas como tentativas de barganha em relação ao uso do álcool, de contenção de violência ou de mudança de relação de poder. O foco no outro e em seus cuidados, que se torna excessivo e repetitivo no caso das mulheres que restringem suas vidas ao cuidado do marido e à tentativa de que este pare de beber, também são pontos que devem ser abordados por orientadores e profissionais de saúde. Orientação na construção de projetos de vida com as mulheres, para que retomem o foco no cuidado de si mesmas, pode ser útil. Há, porém, outros comportamentos que também devem ser desestimulados, sempre que houver abertura: discutir, quando alguém se encontra alcoolizado ou sob efeito de outras substâncias psicoativas; tentar convencê-lo de que isso não é bom para ele (a); desistir de se cuidar e de mudar os próprios comportamentos indesejados com a justificativa de que o outro é que os causa e que é o único que precisa mudar e receber tratamento.

O encaminhamento e a intervenção, em fases posteriores ao início do casamento, também se mostram importantes e, quanto mais precoces e reflexivos, melhor, uma vez que a progressão da dependência gera inúmeros desgastes emocionais e relacionais, agrava a violência e, para mudar, depende da conscientização de pelo menos um cônjuge. Este trabalho mostrou que geralmente sentimentos e comportamentos do cônjuge, como tristeza, raiva, insistência, excesso de cuidado, tornam-se recorrentes e contribuem para manter o adoecimento do casal, o que, por sua vez, contribui para manter o adoecimento dos cônjuges.

Os atendimentos, frequentemente realizados em serviços jurídicos (quando há violência ou processo de divórcio) e de saúde, após episódios de violência, mesmo que tardios, podem ser uma oportunidade de cuidado e de encaminhamento dos cônjuges, desde que haja, nesses serviços, profissionais preparados para tal. O estudo mostrou que alguns cônjuges, preocupados com o ponto em que chegou a violência entre eles, apresentam abertura para o início do tratamento para a dependência, para a melhoria do relacionamento conjugal e ou para a codependência. Em alguns casos o cônjuge que não faz uso do álcool também reflete sobre suas necessidades e sintomas e engaja-se no tratamento destes e na retomada do investimento na própria saúde (afetada pelo uso do álcool do cônjuge). Tal encaminhamento pode contribuir para a revisão da relação e para a reflexão sobre a eventual função do uso do álcool na manutenção desta relação e das repetições por ela envolvidas.

Programas preventivos, serviços de orientação e de atendimento aos casais e aos cônjuges individualmente, com foco nas relações, na redução de danos e subsidiados em conhecimentos profundos sobre a dependência, a conjugalidade e a violência, podem ser mais eficazes. A circularidade e multicausalidade precisam ser consideradas pelos orientadores. Punição, controle, alarde e outras práticas que enfraquecem a autoconfiança expõem e estigmatizam, frequentemente reduzem a autonomia e desprotegem os que poderiam aderir a tratamentos e alcançar mudanças em longo prazo.

Referências

- Alencar-Rodrigues, R., Cantera, L. M., & Moré, C. L. O. (2014). Investigación sobre violencia de género en la pareja: recomendaciones prácticas. *Temas em Psicologia*, 22(1), 79-91.
- Babu, B. & Kar, S. (2009). Domestic Violence against Women in Eastern India: a Population-based Study on Prevalence and related Issues. *BMC Public Health*, 9(129), 1-15.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas [CEBRID] (2007). *II Levantamento Domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil - 2005: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país*. São Paulo: CEBRID/Unifesp.
- Cervený, C. (2011). *A família como modelo* (2a ed.). São Paulo: Livro Pleno.
- Cervený, C. (Org.). (2012). *Família e intergeracionalidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cunha, R., Roza, M., Matta, M., Stockler, M., Alegre, M. & Santos, S. (2011). O autor de violência incluído no atendimento de terapia de família: desconstruindo papéis, reconstruindo mundos. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 20(41), 119-126.
- Feijó, M. & Macedo, R. M. S. (2012). Gênero, cultura e rede social: a construção social da desigualdade de gênero por meio da linguagem. *Nova Perspectiva Sistêmica*, v. 44, p. 05-107.
- Gebara, C., Feijó, M., Noto, A. R., & Amato, T. (2015). Vulnerabilidades, violência entre casais e dependência de álcool. In E. Silva, Y. Mora, & D. Zugman (Orgs.), *Vulnerabilidades, Resiliência, Redes: uso, abuso e dependência de drogas* (pp.157-171). São Paulo: Rede.
- Grandesso, M. (2012). Mapas da Prática Narrativa. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 21(44), 105-107.
- Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas [INPAD] (2013). *II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas – Consumo de Álcool no Brasil: Tendências entre 2006/2012*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. Recuperado em 2 de maio, 2014, de http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2013/04/LLENAD_ALCOOL_Resultados-Preliminares.pdf.
- Leonard, K. E. (2005). Alcohol and intimate partner violence: when can we say that heavy drinking is a contributing cause of violence? *Addiction*, 100(4), 422-425.
- Macedo, R. M. S. & Saleh, L. P. (2014). Família e pobreza: um estudo das demandas familiares para um programa de intervenção. In R. M. S. Macedo.

- (Org.). Família e comunidade: pesquisa em diferentes contextos (pp. 70-85). Curitiba: Juruá.
- Melo, Z., Caldas, M. T., Carvalho, M. M. C., & Lima, A. T. (2005). Família, Álcool e Violência em uma comunidade da cidade do Recife. *Psicologia em Estudo*, 10(2), 201-208.
- Minayo, M. C. S. & Tôrres, J. J. M. (2013). Visão complexa para uma forma complexa de agir. *Revista VISA em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia*, 1(1), 12-20. Recuperado em 06 de janeiro de 2016, de <http://www6.ensp.fiocruz.br/visa/?q=node/5707>.
- Minuchin, P., Colapinto, J., & Minuchin, S. (2012). *O Desafio de Trabalhar com Famílias de Alto Risco Social* (2a ed.). São Paulo: Roca.
- Monteiro, V. B. (2012). *Uso de álcool, comportamentos de risco no trânsito e habilidades sociais em universitários*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília, SP.
- Paiva, F. S., Costa, P. H., & Ronzani, T. M. (2012). Fortalecendo Redes Sociais: Desafios e Possibilidades na Prevenção ao Uso de Drogas na Atenção Primária à Saúde. *Aletheia*, (37), 57-72. Recuperado em 06 de janeiro de 2016, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000100005&lng=pt&tlng=pt.
- Payá, R. (2014). Genograma com Famílias no Contexto da Dependência Química. In C. M. O. Cerveney (Orgs.), *O Livro do Genograma* (pp. 93-104). São Paulo: Roca.
- Penso, M. A., Sudbrack, M. F. O., Ferreira, G. F. S., & Jacobina, O. M. P. (2012). Família e dependência de drogas: uma leitura sistêmica. Recuperado em 06 de janeiro de 2016, de <https://pt-br.facebook.com/notes/sos-drogas/fam%C3%ADlia-e-depend%C3%AADncia-de-drogas-uma-leitura-sist%C3%AADmica/259856120749472/>
- Secretaria Nacional Antidrogas [SENAD] (2014). *Curso de Prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas*. Recuperado em 2 de maio, 2014, de http://educadores.senad.gov.br/images/Livro_texto_Cursode_Prevencao_completo.pdf.
- Tondowski, C., Feijó, M., Silva, E., Gebara, C., Sanchez, Z., & Noto, A. (2014). Padrões Intergeracionais de Violência Familiar Associada ao Abuso de Bebidas Alcoólicas: Um Estudo Baseado em Genogramas. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 27(4), 599-607.
- World Health Organization [WHO] (2013). *World Health Organization Global and regional estimates of violence against women – prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence*. Geneva: WHO.

Recebido em 05/04/2016
Aceito em 02/10/2016

Marianne Ramos Feijó: psicóloga, doutora em psicologia clínica (PUC-SP), professora assistente, doutora do Departamento de Psicologia da Unesp, câmpus de Bauru. Pós-doutoranda pelo Departamento de Psicobiologia-Unifesp. Membro do grupo de pesquisa CNPq/Unesp "Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT)".

Ana Regina Noto: psicóloga, doutora em psicobiologia (Unifesp), professora adjunta do Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo. Pesquisadora da AFIP e líder do NEPSIS/Unifesp.

Eroy Aparecida da Silva: psicóloga, psicoterapeuta familiar e comunitária, doutora em ciências, Departamento de Psicobiologia-Unifesp. Coordenadora da Clínica Escola - Unidade de Dependência de Drogas-Unidade de Dependência de Drogas-Departamento de Psicobiologia-Unifesp.

Daniilo Polverini Locatelli: pesquisador da Associação Fundo de Incentivo à Pesquisa (AFIP) e membro do Núcleo de Pesquisa em Saúde e Uso de Substâncias (NEPSIS) - Unifesp.

Mário Lázaro Camargo: psicólogo, doutor em psicologia (FFCLRP/USP), professor assistente, doutor do Departamento de Psicologia da Unesp/Bauru. Líder do grupo de pesquisa CNPq/Unesp "Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT)".

Carla Ferreira de Paula Gebara: professora adjunta dos cursos de graduação e mestrado em psicologia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Doutora em ciências pelo Departamento de Psicobiologia (Unifesp). Mestre em psicologia e psicóloga pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pesquisadora colaboradora do NEPSIS/Unifesp e do Nevas/UFJF.